

# O CONCEITO DE IDENTIDADE DE GÊNERO SOB O OLHAR DE LACAN E STOLLER

PASSONE, L.<sup>1</sup>; BOLONHEZI, C. S. S.<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho se situa no campo histórico-cultural e da psicanálise, com estudo sobre a teoria do Núcleo de Identidade de Gênero desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista norte-americano Robert Stoller (1924-1991). Tem como objeto de estudo a transexualidade, por meio dos princípios psicanalíticos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que subsidiará a discussão stolleriana favorecendo a análise do objeto em estudo e utilizará demais materiais que corroboram com as discussões.

**Palavras-chave:** Stoller. Lacan. Transexualidade.

## ABSTRACT

The present work is located in the historical-cultural and psychoanalysis field, with a study on the theory of the Gender Identity Nucleus developed by the American psychiatrist and psychoanalyst Robert Stoller (1924-1991). Its object of study is transsexuality, through psychoanalytic principles. This is a bibliographical research, which will support the Stollerian discussion favoring the analysis of the object under study and will use other materials that corroborate the discussions.

**Keywords:** Stoller. Lacan. Transsexuality.

## INTRODUÇÃO

O tema a ser desenvolvido nesse artigo foi escolhido por haver um interesse em entender e investigar os fatores correlacionados à identidade de gênero, com ênfase na transexualidade, a partir do olhar da psicanálise. Partindo da premissa de que me identifico enquanto mulher cisgênero e parte da comunidade LGBTQIA+, considero necessário trazer para dentro do espaço acadêmico discussões acerca dos

<sup>1</sup> Luana Passone. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2021.

<sup>2</sup> Camilla Samira de Simoni Bolonhezi. Orientadora da Pesquisa. Docente Mestre do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2021.

meus pares, que mesmo possuindo realidades distintas da minha, devem ter seu espaço de compreensão.

Margareth Mead, em 1935 publicou o livro *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas* em que realizou uma pesquisa de campo, na qual analisou três tribos. Dentro dessa análise a pesquisadora pôde constatar que mesmo que essas tribos fossem compostas por homens e mulheres de maneira igualitária, os papéis de gênero desenvolvidos dentro dessas comunidades se deram de maneiras distintas, nos levando a perceber que as questões de gênero estão atreladas a cultura.

A antropóloga americana Gayle Rubin, em 1975, propôs o “sistema sexo/gênero” que foi abordado no livro *Tráfico de Mulheres*. Sua obra menciona:

“Na falta de um termo mais elegante, chamo a essa parte da vida social de “sistema de sexo/gênero”. Como definição preliminar, podemos dizer que um “sistema de sexo/gênero” consiste em uma série de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 2018, p.11).

Com isso, a autora nos propõe a entender que os estereótipos relacionados ao comportamento tanto do homem quanto da mulher são advindos da atividade humana.

Judith Butler em 1990 publicou o livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. A obra aborda a resignificação do discurso performativo para o gênero. Sendo assim, gênero e sexualidade são discursos políticos baseados na heteronormatividade, declarando como anormalidade tudo aquilo que não advém do discurso heteronormativo. Para, além disso, a pensadora foi uma das pioneiras da teoria *Queer*, elucidando que a identidade não pode ser necessariamente pensada de maneira singular, mas sim no plural. Uma crítica apontada por Butler, dentro do movimento feminista, seria a de que o sexo seria um fator biológico e o gênero cultural, para ela, na realidade sexo e gênero são construídos culturalmente.

Já na segunda sessão iremos abordar as definições de gênero de acordo com a percepção de Robert Stoller e Jacques Lacan. Num primeiro momento, Stoller se embasou em estudos de casos de intersexo, e posteriormente se dedicou aos transexuais e sujeitos perversos. Buscou investigar como se dava a constituição das identidades sexuais, bem como a diferença dos papéis de gênero, e para além disso, voltou-se para estudos antropológicos realizando essas mesmas investigações em diferentes culturas.

Sua teoria inovadora foi bastante contestada por vários autores, entretanto ao que vamos ressaltar é a crítica do Lacan, que contrapõe a teoria no *Seminário 18* – de um discurso que não fosse semblante. Para ele, o que só se tem é “parecer” homem ou mulher, no sentido que o homem só se pode afirmar como tal em relação à mulher. Ademais, supõe a existência, de fato, de um núcleo no que compete a identidade de gênero, onde recorre ao semblante.

Por fim, na terceira e última sessão abordaremos o tema central dessa pesquisa, a transexualidade através do pensamento do Robert Stoller.

## **OBJETIVO**

Este trabalho buscou diferenciar o conceito de identidade de gênero entre Lacan e Stoller utilizando como objeto de estudo o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade através do olhar histórico-cultural e da psicanálise.

## **MÉTODO**

A fundamentação teórica desse trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica pautada no compromisso de analisar de modo crítico as fontes consultadas. A seleção do material para este artigo se priorizou na abordagem das obras das autoras: Butler, Rubin e Mead, que discutem a identidade de gênero pautadas no âmbito histórico-cultural, político e social, ademais nos deteremos a análise das observações de Lacan e Stoller que abordam a identidade de gênero sob o olhar psicanalítico. Mesmo que apresentem questões que divergem.

O trabalho a seguir se dará em três sessões. Na primeira sessão nos deteremos a apresentar os conceitos relacionados ao gênero através do olhar da psicologia e, em seguida, direcionaremos nosso olhar sobre a identidade de gênero está relacionada a formação social de identidades sexuais e papéis de gênero, tendo como as representações simbólicas atribuídas ao feminino e ao masculino.

## **RESULTADOS**

Ainda que transgênero e transexual sejam termos que ainda estão em movimento, assim como a tratativa acerca de indivíduos que se identificam como o mesmo, a proposta de Núcleo de Identidade de Gênero de Stoller, suas pesquisas e seu olhar voltado para os transexuais na época, nos trouxe uma carga de materiais

para pensarmos sobre os problemas de gênero, e trazer a tona discussões sobre as terapias hormonais e protocolos como solução para o mal-estar dos sujeitos que se auto definem transexuais.

Os protocolos médicos voltados para o tratamento de casos de Transtorno de Identidade de Gênero já vêm sendo discutidos há algum tempo, visto que alguns procedimentos são irreversíveis sobre o corpo. Com essa razão, se faz necessário ao indivíduo, obter uma escuta fina, que não esteja dentro de protocolos e requisitos, visto que há um espaço entre o que o sujeito supostamente busca e aquilo que a ciência oferece

## **CONCLUSÃO**

Em virtude dos aspectos analisados concluímos que mesmo que a proposta de Stoller não seja aceita por unanimidade, o presente trabalho nos trouxe os escritos e os pensamentos desenvolvidos pelos psicanalistas no que tange não só o campo psíquico, mas a nível social como um todo, que formam uma base de aproximação para a psicanálise, com a intenção de que se possa aos poucos concretizar uma referência de tratamento aos transexuais e transgêneros e que atenda a suas demandas individuais.

## **REFERÊNCIAS**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p.174.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. In: RUBIN, Gayle. Políticas do sexo. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

STOLLER, Robert. **Perversão: a forma erótica do ódio**. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2018. p.361.